

MARTIM FRANCISCO

AGRIPPINO GRIECO

(Especial para O JORNAL e o "Diário de São Paulo")

Na sua rica inventividade satírica. Quem quer que se mettesse em ca, Martim Francisco deixou phrases que queimam como soda causpolemica com Camillo Castello Branco dava aos admiradores deste a impressão de vêr um couro espiçado, isto é, de vêr o provocador golpeado, escorchado e reduzido a uma simples pelle resequida, graças à arte diabolica de um polemista que, no caso equalava o mais consummado dos cortidores.

Impressão identica davam-nos os que se mettiam a provocar Martim Francisco.

Nunca elle temeu o iceberg da estupidez humana. Estava certo de que as tolices republicanas não valem mais que as monarchicas e pensava que a democracia — a democracia em que os accendedores de lampeões e os varredores de ruas são também representantes da soberania nacional — não fornece talento a ninguém.

Falando dos próceres republicanos, salientou que em cada retrato de politico ha uma caricatura latente e basta avivar-lhe os traços para obter a caricatura completa.

Outro mal do regimen equalitario é que, nas republicas, todos consideram a superioridade intellectual uma offensa, uma injuria á comunidade, e, por isso, todos se julgam com o direito de escrever como se julgam com o direito de ser eleito ou jurado. E' o processo do suffragio universal adaptado á literatura.

Dahí tantos mãos escriptores, que Martim Francisco não se cansava de flagellar, numa linguagem de epigrammista que, para bem atormentar o proximo, tinha mil diabolhos trefegos ás suas ordens.

Emquanto outros anciãos se arrastavam deplorando a velhice da propria carcassa, o autor do "Contribuindo" conservava-se em plena posse do seu bom humor, evidenciando não ser um talento conservado em camara frigorifica. O seu desecante risonho, tanto quanto em ataques destruidores como explosões de grisé, trasmudava-se em buscapés e em foguetes de asso-bio...

Com a velhice apenas nelle augmentára um pouco o amor á solidão. Ultimamente, considerava-se elle proprio a sua melhor sociedade, achava que o seu melhor auditorio era quando estava sozinho. Ou antes, vivia com Dante e Homero e não sabia de mais agradáveis companheiros.

Folheava as suas recordações como folhearia um romance illustrado.

Seu unico vicio continuava a ser a leitura, embora restringisse cada vez mais o numero das suas amizades literarias, e, a aventurar-se a perdér tempo num autor que não conhecia, preferisse retornar a um antigo conhecido.

Sentindo, afinal, que a critica reina mas não governa, já desistira de concertar a inconcertavel humanidade e preferia ler a escrever. Mas, quando, excepcionalmente, escrevia, provava que, ainda e sempre, era agil na phrase como um jogador de pelota e que seus venenos eram perigosos e não como esses venenos dos pamphletarios baratos que mal chegam a causar dôr de barriga ás victimas.

Movido por uma jovialidade que se dava bem com o amargor philosophico, fez passar mãos quartos de hora aos que detestava. Não era elle comparavel aos garotos que introduzem um maribondo entre o collarinho e a pelle dos senhores de idade e ficam de longe a divertir-se com a indignação dos macrobios. Martim Francisco atacava frente a frente, desembuçado e altivo, e aguentava a replica, triplicando á altura, mantendo o debate até que o contendor, desesperado, senão convencido, deixasse a rinha, ensanguentado pelas bicadas e pelas esporadas do gallo invencivel...

E' bem de ver que esse prosador, de tanto entusiasmo no ataque, não comprehendia também admiração sem paixão. Quando elogiava, collocava logo os seus amigos na corôa das nuvens...

De qualquer fórma, bons serviços prestou ao Brasil o polemista que fez da polemica, tantas vezes convertida aqui em troca de desaforos, uma arte brilhante e superior; o analysista que possuia a comprehensão radioscopica das almas; o erudito que pôz tantas idéas uteis em circulação; o stylistista que, mesmo ao brandir um cacete, era como se brandisse um florete; o doutrina-dor que, em meio ás turbulencias aventurosas do iconoclasta, conservou sempre a nobreza dos seus instinctos familiares, patenteando ser, mais que um homem de letras, um homem e, mais que um productor de livros, uma consciencia.

O REPENTISTA

E' celebre a phrase proferida por Martim Francisco, em Santos, numa festa commemorativa da Abolição: "Em 13 de maio de 1888 libertámos o preto; agora é preciso libertar o branco!"

De outra feita, discursando num comicio patriotico, soltou este aphorismo vergastador: "Meus amigos, para tomar vergonha todo tempo é tempo!..."

Não ha um decennio, alludindo á campanha verrineira que tentou arrebatrar ao mais illustre dos seus avoengos as glorias de Patriarcha da Independencia, o subtil ironista assim se expressou: "E' natural que desejem amesquinhar a figura de José Bonifacio: um politico brasileiro que caiu na asneira de morrer pobre..."

No pôr o sr. Pandiá Calogeras em contacto com um administrador paulista, teve esta recommendação sarcastica: "Apresento-lhe um ho-

mem que sabe tudo quanto o José Lobo ignora..."

Ao sr. Alarico Silveira convidou para um jantar intimo, e accrescentou num sorriso: "A comida é ás sete da noite, mas pôde ir um pouco mais cedo, para não parecer que vae só para comer..."

E, finalmente, ha a resposta burlesca, já citada, em brilhante fo-lhetim, pelo meu amigo Rodrigo Mello Franco de Andrade. Deixava Martim Francisco um theatro do Rio, após a representação da peça de um autor nacional, quando este, entre inquieto e vaidoso, investiu contra elle, afim de indagar delle do que gostára mais. E o humorista da "Carta-careta": "Gostei muito dos intervallos..."

"RINDO"

Examinemos, porém, alguns dos escriptos mais característicos da sua maneira.

No "Rindo", série de satiras e estudos sociaes, ha lindos quadros de costumes, imagens flagrantes, episodios da vida real, limpidamente colhidos em plena frescura da observação directa. O desenho desses trabalhos é sempre nitido e a affabulação sempre facil.

Os esbocetos da comedia urbana da Paulicéa, são particularmente felizes, são coloridos e agéis, fugindo ao denso, ao opaco, ao enca-rado de tantos garatujeadores tributarios da prosa archaica. São resumos vivos de uma sociedade mes-clada, concisões criticas que, historizando pela anecdotia pittoresca, atiram factos de luz sobre um meio e uma época dos mais complexos.

Suas pinturas realistas nada trazem de vicioso e doentio. Sabia criticar sem ser abjecto. Não estava no seu gosto, na sua curiosidade, revolver monturos.

Tudo o que elle nos offerece são bocados de verdade em fórma excellente, toda leveza e transparencia, sem torturantes esforços de impressionismo verbal, suggerindo ás vezes, com dois ou tres riscos apenas, tal qual os caricaturistas francezes, typos e scenarios altamente divertidos. Notas oportunas ressaltam, aqui e ali, traços definidores de almas, linhas fugitivas que valem por toda uma longa biographia, photographando uma sensibilidade e anthropometrizando um caracter.

Mesmo quando evocava os tempos da sua juventude, conservava Martim Francisco um theatro do ironia esbatida, de quem se esqui-

"Martim Francisco"

vasse á elegia lacremejante e banal. Qualquer dolorosa effusão romanesca que lhe pretendesse saltar da penna, era immediatamente corrigida pelo vigilante bom senso do memorialista.

Mas na ligeira deformação caricatural é que elle foi incomparavel.

Ha proxivamente uns vinte annos, o consanguineo de Americo Elyso publicou um folheto intitulado "Do Marquez de Pombal ao Marechal Pires Ferreira". Era o paralelo de um Plutarcho hilare, um claro-escuro picaresco, um confronto maldoso, em que a melhor parte não cabia certamente ao senador piauihyense, embora o outro, o estúpido perseguidor dos jesuitas, o algoz dos Tavoras e o plagiador dos escriptos políticos do nosso genial Alexandre de Gusmão, não recebesse um tratamento dos mais amaveis.

Depois d'isso, espalhando em volume a oração que proferiu num tribunal do interior, Martim Francisco precedeu-a de uma catilinaria impiedosa. Entre outras cousas, que parecem pingar vitriolo, affirmou então o velho opposicionista que "o directorio politico da localidade determina a absolvição dos réos amigos" e que estes são ainda "banquíteados pelo pessoal da policia". Dentre os jurados, um "tinha retrato na galeria policial da capital do Estado", e "das certidões de citação" uma fôra perfeitamente falsificada. A consciencia dos julgadores "inclina-se, obediente, ao mandonismo local, formando acaçada vassallagem a politiquieiros, notorios hontem pela fallencia, hoje pelo arbitrio, pela estupidez sempre". De passagem, viu em certa repartição "uma dessas articulações administrativas inventadas pela oligarchia estadual para afilhados sem renda certa e tramoiias sem prestação contas". E confessou a sua revolta, quando alguém lhe disse que "a sua terra ainda era o que o Brasil possuia de melhor..."

"VIAJANDO"

Mas o advogado de Santos não ironizava apenas homens e cousas do nosso paiz. Por vezes fez-se mesmo, ao descrever as suas viagens pela Europa, um má-língua internacional.

Não era o boboide errante que vive a escancarar a boca, de pasmo deante do que é estrangeiro, só porque estrangeiro. Não acreditava que nós outros brasileiros detivessemos a exclusividade da asneira universal, e nem acreditava que houvesse decreto localizando o Rídulo da linha do equador para cá.

Assim que, percorrendo a velha Gallia, muito se recreou com a phllocia de certos gaulezes, embora, nos delizes destes, visse frequentemente pretextos para satirizar certos patricios que haviam ficado desta banda do Atlantico.

Muito cioso da sua erudição, o nosso intellectual indignava-se quando, em Versailles, um cicero-ne de museu, confundia o sarcophago de Philippe o Bello de Franca com o de Felipe II de Hespanha.

Não obstante os seus pendores monarchicos (especialmente depois da queda da monarchia), tanto se divertia com a patuléa da Revolução Franceza, surripadora dos moveis e indumentos dos f'algos, como com as fechaduras fabricadas pelo "real serralheiro" Luiz XVI, com as patifarias de alcova de Luiz XV e com os furunculos e os arrotos de Luiz XIV.

Não recua nem deante de um trocadilho e, entre inexplicaveis singularidades orthographicas, talvez

só destinadas a contrariar os censores do vernaculo, refere-se ao cemiterio de cães de Paris, criado graças a um capital de 350.000 francos e tendo, a seu serviço, telephone, alfaiataria, sapataria e lithographia de cartões postaes. A pilheria de que "o cão bate com a cauda porque o cão é maior que a cauda" e, "se a cauda fosse maior do que o cão, a cauda bateria com o cão e não o cão com a cauda", é velha, mas vem a calhar no sitio em que vem.

Assombra-se de que, num asylo de invalidos, haja uma estatua da Abundancia.

Classifica Napoleão de "grande sangrador occidental" e perpetra uma chalaga — esta sim de máo gosto, de caixeiro viajante — ao chamar Jesus de "filho do Padre Eterno & Cia".

Alludindo a um aviador que cae do avião e se parte pelo meio, dividindo-se em dois hemistichios, taxa, macabramente, esse desastre de "quasi nada"...

Depois de alguns contratempos, recebe um maço de "Correios Paulistanos" e, a esse proposito, commenta: "Benigno jornal! Nunca saldarei a gratidão que te devo pelas horas de somno que me tens proporcionado".

A Marat e Mirabeau rotula de "geniaes patifes".

Indo visitar de manhã, cedo demais um manicómio, ouve ao porteiro que "ainda não podia entrar". Pilheriando comsigo mesmo, acha espirito nesto "ainda".

Para pescar no Sena existem dezenas de regulamentos, fiscaes, varias e anzoes patenteados; ha de tudo: só falta o peixe.

Caindo no engodo das "antiguidades modernas", compra uma tesoura cuja fórma exquisita lhe recorda o queixo do sr. Altino Arantes.

Tomou indigestão de objectos napoleonicos e quasi adoeceu de rapoleonite aguda. Viu o chapéo do Corso, viu-lhe os cabellos, a mesa de trabalho e até um bacio de porcelana de Sévres.

No Jardim das Plantas examinou ursos brancos que "são perfeitamente pardos".

Tratando de certas religiões veaes, escreve: "Neste mundo o outro é exploradíssimo".

Taes alguns dos epigrammas desse turista de gostos de civilizado, desse observador que tinha raça nas maneiras, talento que não ia sem um pouco de bilis, amigo de destruir legendas e de desconcertar o proximo, figura tão bem marcada em seus extremos que é impossivel amal-a ou detestal-a só pela metade...

NOTA: — Minha proxima chronica será consagrada ao numero especial, de 242 paginas, que a revista "A Ordem", fundado por Jackson de Figueiredo ha oito annos, vem de consagrar ao seu fundador, com a collaboração dos srs. D. Sebastião Leme, Graça Aranha, Olegario Silva, Perillo Gomes, Alexandre Conceição, Contreiras Rodrigues, Hamilton Nogueira, Afranio Peixoto, Ronald de Carvalho, Augusto Frederico Schmidt, Durval de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda, P. e. a. Limor i, Magalhães Azeredo, Tristão da Cunha, Claudio Ganns, Tasso da Silveira, Murillo Araujo, Gondin da Fonseca, Sobral Pinto, Xavier de Oliveira, Francisco Costa, Marcello Nunes, Barreto Filho, Oséas Gomes, Jorge de Lima, Tristão de Athayde, Epitacio Pessoa e Affonso Penna Junior.

VIAJANDO MARTIM FRANCISCO

(PARA O "DIÁRIO DE S. PAULO")

Heitor de Moraes

V

— Péga o Martim! Péga o Martim!

Estou a ver, na minha imaginação, a alegria, que se apoderou do sr. Agrippino Grieco, ao entrar "no jardim dos francezes" e surpreender, ahí, em flagrante delicto de furto literario, o mestre Martim...

— Que vergonha! Que escandalo formidavel! Nem parece o mesmo homem tão original, que, entre as suas curiosas excentricidades, se notabilisára pela idea de fazer marcar o seu papel de cartas, na parte superior da margem esquerda, com esta advertencia: — "A policia existe!"

E, de facto, existe. Eis ahí a prova: Martim foi agarrado, quando saltava o muro do jardim alheio, sem embargos de o haver feito em longes terras da estranja, desfrequentadas pela policia experta d'estas bandas do Atlantico...

Mas, na verdade, terá o mestre praticado tão feio crime? Qual a figura juridica do delicto, que se lhe imputa? Que é plagiar?

— "Plagiar é roubar os moveis da casa e as varreduras, tomar o grão, a palha, a sacca e a poeira, ao mesmo tempo", segundo a definição de Pierre Bayle, citada por Anatole France, que lhe esclarece melhor o pensamento, explicando que, "para Pierre Bayle como para todos os letrados de sua idade, o plagiatario é o homem que pilha, sem gosto e sem discernimento, as moradas ideaes. Um tal typo é indigno de escrever e de viver. Mas, quanto ao escriptor que não toma aos outros senão o que lhe é conveniente e aproveitavel e sabe escolher, este é um homem de bem". (15)

— E qual o acto praticado por Martim, que se enquadra nessa figura juridica? Já o vimos: mestre Martim foi denunciado como um réles larapio de uma phrase mordaz, "de um epigramma" (como a isso chama o sr. Grieco), incluido por Jules Claretie num dos seus volumes sobre "La Vie à Paris": um autor dramatico, julgando a obra de um confrade, e talvez de um amigo, disséra — Passei uma

...abilissimo episodio, que a tranquillidade tem trazido... tanta desmora... regime

noite encantadora, sua peça tem entreactos deliciosos!...

E' bem possivel que Martim Francisco não houvesse lido o volume indicado, do escriptor francez; mas, admittamos que sim. Tel-o-ia lido; teria achado espirotuoso (e o é) aquelle dito satirico; gravara-o, naturalmente, em sua phenomenal memoria; e, um bello dia, o seu subconsciente despertou aquella idéa jocosa, que ficára adormecida na "cava subterranea", que existe em nós, no cerebro humano. (16)... O resto já se sabe: o sr. Agrippino gritou — "Aqui d'El-Rei!", e lá se foi, por agua abaixo, toda a fama de originalidade de que gosava o viajante Andradal!

A opinção unanime de quantos conheceram ou estudaram os Andradas, inclusive os seus detractores, tres coisas lhes reconheceram sempre, e sem favor, como as qualidades fundamentais do seu character: talento, coragem civica e probidade. (17) E de Martim III, particularmente, alguém affirmou, com toda razão, que "elle foi o mais honesto dos intellectuaes brasileiros". (18) Entretanto, veio o sr. Agrippino Grieco quebrar essa unanimidade de opinção, o que é de véras lamentavel, tanto mais porque o fez sómente agora, quando já não é possivel saber, ao certo, si Martim, de facto, teria ou não escalado o muro do jardim dos francezes, com a intenção que ora lhe attribue o mesmo sr. Grieco...

E, afinal, porque tamanha bulha? Só porque, interpellado por um autor theatral, seu conhecido, desejoso de saber qual o acto da sua peça que mais lhe agradara, o terrivel ironista lhe respondeu, de prompto: — "Gostei muito dos intervallos..."

— Não ha negar que a déa d'esta *saillie* é a mesma do remoque do autor dramatico francez, citado em segunda mão pelo sr. Grieco. A forma, porém, é diferente; e de melhor saibo é a de Martim. E quem poderá, em sã consciencia, affirmar que não estamos em face de um simples encontro de idéas, apenas, facto corriqueiro, de frequente observação, no mundo das letras e das artes em geral?

Eu mesmo dou o meu testemunho, sobre outro facto da mesma natureza, occorrido em palestra, que tive com Martim Francisco, já faz muitos annos. E confesso que a minha primeira impressão foi penosa: pareceu-me que aquelle grande e scintillante espirito se comprazia, ás vezes, em rebaixar-

se a si mesmo, deitando ao terreno menos nobre da aggressão pessoal, e (o que mais repugna) gratuita; conclui, porém, não só nessa como em varias outras occasiões, que, nem sempre as suas palavras tinham intenção ferina, mas eram ditas ou escriptas apenas como o involucre de um conceito original. Coração bonissimo, sensivel ao soffrimento alheio, e mesmo sentimental, por vezes; entretanto, só por amor á originalidade de uma idéa, de um trocadilho, de uma simples phrase, grangeou fama de espirito maldizente e maldoso, sarcastico e cruel, entre os politicos da alta roda, alvo predilecto das suas aceradas flechas. Eis o facto a que me refiro:

Conversavamos, um dia, sobre candidaturas presidenciaes. Perguntei ao mestre:

— Que me diz, dr. Martim, da candidatura do conselheiro?

— Terrando o sobrecenho e mordendo os labios, com o ar grave e mysterioso de quem vai revelar um segredo de Estado, após ligeira reflexão, olhando-me nos olhos respondeu-me, em voz pausada e á surdina:

— E' um caso perdido; está muito mal. Dizem que de morphéa... E eu estou com uma pena... da morphéa!...

Referi-lhe, então, a plada semeilhante de Ferreira Vianna, no dia em que morreu Floriano Peixoto. Achava-se o grande juriconsulto numa das livrarias do Rio, e estava a folhear um livro, junto á prateleira, quando alguém, tocando-lhe o hombro, lhe perguntou:

— Conselheiro, sabe quem acaba de morrer?... O marechal Floriano!

O conselheiro (que, neste caso, não era a victima), imperturbavel, sem tirar os olhos do livro, respondeu seccamente:

— Morreu de que?

— De uma cirrhose...

— Coitada da cirrhose!

Dr. Martim sorriu. Não conhecia a anecdota. Achou curiosa a semelhança dos dois casos... E, depois de uma reticencia, evocando incidente do seu glorioso passado de liberal, exclamou:

— Floriano!... Não era mau homem. Prendeu-me, mas não me tratou como inimigo. Morreu de mãos limpas!

Fez uma nova pausa e acrescentou:

— Ferreira Vianna!... Só ponde ser ministro quando Pedro II se ausentou do paiz; tinha sido advogado num caso escabroso, relativo a certo testamento. O Imperio não tolerava advocacia administrativa, nem escandalos semelhantes! (19)

Era assim o feito moral de Martim III. Temperamento explosivo. Tolerancia perturbada pela altivez, era o traço principal do seu character, como já vimos. Excessivo, muita vez, nos ataques aos inimigos, assim como nos seus enthusiasmos pelos amigos. Por exemplo: em carta, que me escreveu, de S. Bernardo (em data de 23/7/1918), assim se referia a Monteiro Lobato: — "Acabo de ler o segundo artigo a proposito de *Geada*. — Esquentou-me o enthusiasmo! — Com cinco Lobatos eu endireitava o Brasil — Adeus. Muito amigo".

(15) — Anatole France, ob. e tomo cit., pags. 159 e 160;

(16) — Alberto Seabra, "A alma e o subconsciente", pag. 17;

(17) — Gama Rosa, artigo sobre "Os Andradas e seus descendentes", na "Folha do Dia", do Rio, n. 280, junho de 1909;

(18) — José Marianno Filho, em "O Jornal", de 24 de abril de 1927;

(19) — Muitos annos depois, vim encontrar esta referencia confirmada por Martim, em annotação a lapis, de seu punho, a margem da pagina 255 do livro de Alfredo Varela — "Rememorações".